



ISSN: 2230-9926

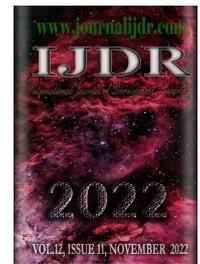
Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 11, pp. 60115-60119, November, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.25678.11.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## PODER SOBERANO E PODER MODERNO NO CONTEXTO DA SAÚDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

<sup>1</sup>Marcos Aurélio Trindade, <sup>2</sup>Vilmar Pereira de Oliveira, <sup>3</sup>Bruno Vasconcelos de Almeida, <sup>4</sup>Orlene Veloso Dias, <sup>5</sup>Joanilva Ribeiro Lopes, <sup>6</sup>Maria Ângela Figueiredo Braga, <sup>7</sup>Eva Gislane Barbosa, <sup>8</sup>Thamires Neria dos Santos and <sup>9</sup>Rafaella Santos Corrêa

<sup>1</sup>Mestrado em andamento pela PUCPR; <sup>2</sup>Professor Doutor na PUCMG; <sup>3</sup>Professor Doutor na PUCMG; <sup>4</sup>Professora Doutora na Unimontes-MG; <sup>5</sup>Professora Doutora na Unimontes-MG; <sup>6</sup>Professora Doutora na Unimontes-MG; <sup>7</sup>Doutoranda em Teologia na PUCPR; <sup>8</sup>Graduanda em Enfermagem pela Unimontes-MG; <sup>9</sup>Graduanda em Enfermagem pela Unimontes-MG

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 10<sup>th</sup> September, 2022

Received in revised form

26<sup>th</sup> September, 2022

Accepted 11<sup>th</sup> October, 2022

Published online 30<sup>th</sup> November, 2022

#### Key Words:

Sovereign Power. Modern Power. Health

#### \*Corresponding author:

Telma Regina Stroparo

### ABSTRACT

As relações de poder existem em todos os espaços sociais e todas as pessoas estão envolvidas em relações de poder, seja como quem o exerce ou quem é controlado por ele. O artigo pretende compreender a influência do Poder Soberano e Poder Moderno aplicado no contexto da saúde e como esses poderes se desenvolvem no decorrer dos anos. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com acesso a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Os textos apontam que o poder pode ser positivo ou negativo nos ambientes de saúde, como algo interativo e promotor de saúde ou algo segregativo.

Copyright © 2022, Marcos Aurélio Trindade et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Marcos Aurélio Trindade, Vilmar Pereira de Oliveira, Bruno Vasconcelos de Almeida, Orlene Veloso Dias, Joanilva Ribeiro Lopes, Maria Ângela Figueiredo Braga, Eva Gislane, Thamires Neria dos Santos and Rafaella Santos Corrêa. "Poder soberano e poder moderno no contexto da saúde: Uma revisão de literatura", *International Journal of Development Research*, 12, (11), 60115-60119.

## INTRODUCTION

Foucault era proveniente de uma família consuetudinária de médicos, promovendo a ruptura com essa tradição, o que lhe custou elevado preço, mas acabou se graduando em história, filosofia e psicologia, e que presentemente, tornara-o uma referência científica. Por esse motivo, o filósofo e psicólogo perpassou três técnicas autônomas, porém consecutivas e que incorporadas umas pelas outras: da discursiva, do poder e da retórica, e acreditava ser exequível a luta contra os paradigmas estabelecidos pelos pensamentos e comportamentos, no entanto, era irrealizável se livrar das relações advindas do poder. Desta forma, destaca-se que Foucault trata substancialmente o tema poder, que para ele não se localiza apenas em uma instituição, tampouco como algo que é cedido, mediante contratos jurídicos e/ou políticos, pois o poder em Foucault expressava a repressão, assim como produz efeitos de sapiência e verossímiles, tendo em vista que ele acreditava que os acontecimentos deveriam ser abalizados em seu tempo, história e *lòcus*. Embora, o poder soberano e o poder moderno em sua simbologia representem dimensões dos Seres Humanos, ou melhor, concomitantemente em

que pode estar associado à práxis de dominação, o poder também conota uma dimensão humanamente que sempre exterioriza a criatividade e, no entanto, indeterminável. E ao acompanhar as argumentações elencadas anteriormente, tencionando a ratificação pela qual expressa que o poder não existe como uma coisa ou com uma natureza específica, ressalta-se que a terminologia poder sempre esteve associada, dentro de uma hereditariedade nos conceitos históricos, relativos à suas peculiares definições, ao estigma do mal, dissemelhante das acepções atribuídas ao termo liberdade ou a palavra amor. Contudo, pesquisar os procedimentos e técnicas adotadas e empregadas em discrepantes cenários institucionais que tencionam ações acerca da conduta dos sujeitos, e que tomadas de forma isolada e/ou coletivamente, visam formar, dirigir e transformar suas maneiras de se portar no vasto campo da saúde. Assim que são sustentadas que a inconveniência relativo à pretensão de encontrar em Foucault objeto que expresse uma teoria em completude do poder do poder, como foi ratificado no teor textual em sua introdução referente ao presente estudo, o respectivo argumento em suas proposições remetem ao termo investigativo Foucaultiana que não tende a interrogar o poder a respeito de sua natureza, princípios e limites, mas entender ao longo das transcrições, em suas teses minuciosas e que trazem lisura em face às compreensões condizentes ao assunto. Por

consequente, nesse viés, acredita-se que não haja entraves em trabalhar o tema relativo ao poder soberano e moderno no contexto da saúde intrinsecamente as obras de *Michel Foucault*, tendo em vista às reflexões que não se afiguram mediante a inconveniência atinente a construção analítica, moderadamente detida, acerca da utilização dessa palavra (Poder) e suas conciliações que tangem as relações de poder, tecnologias de poder dentre outras que, insistentemente, se tornaram parte das transcrições do filósofo francês. A instituição de poder não é natural, trata-se de um entendimento estratégico de dominação determinada pelo contexto histórico, nos reinados, nos hospitais, nos manicômios, no estado, nas famílias e na saúde em geral. O poder existe em si mesmo e de formas peculiares sem abranger a universalidade ou uma dominância centralizada. O poder é difundido nos setores da sociedade de forma homogênea, entretanto, deve ser entendido como exercício de força (FOUCAULT, 2004).

Compreende-se como soberano o poder em que todos os espaços são objetos de controle, assim como os sujeitos são passíveis de vigilância e segregação. Para que exista dominação é necessário que ambas as partes possuam liberdade para dominar, sendo que apenas uma exerce o papel de soberano enquanto as demais se tornam submissas em razão de sua passividade (FOUCAULT, 2004). Em vista disso, apresenta-se a razoabilidade em face à sustentação pela qual a ameaça de morte aparenta ser, nitidamente, a forma segundo o poder soberano se exerce em paralelismo aos sujeitos ou apropriando-se de um termo mais consentâneo, em relação aos súditos, o liame entre o sangue e a soberania, configura um elemento em função da qual, no transcorrer de um determinado período histórico, de forma dominante, as relações e os mecanismos de poder se articularam. E isso não expressa a redutibilidade, apenas relacionada à potencialidade de exercício do poder de matar como característica medular e simbólica do poder soberano, porém busca a apresentação de algo que realmente funcione, sendo a estrutura para uma adversa série de outros fatores, como a pormenorização entre as ordens castas, o valor das linguagens, em um meio social em que a forma, as epidemias e violências desvelam a iminência da morte (GOMES, 1991). Esse eixo, respeitante ao tema do sangue, por conseguinte, obteve a substituição pela temática da sexualidade como um mecanismo substancial em função da qual a economia do poder seria organizada, mas isso não significa, entretanto, que o tema correspondente ao sangue e a forma de exercício do poder soberano sejam extintos. Superpor que uma tecnologia de poder, "*A priori*", não é capaz de produzir a eliminação, mesmo que uma forma tenha dominância sobre a outra, sendo assim, afirma-se que:

De fato, a análise respeitante a sexualidade e a simbólica do sangue podem, dentro das possibilidades, expressivamente pertencer, em diversas convicções, a dois regimes de poder que apresentam dissemelhança, porém, não foram sucedidos e tampouco esses próprios poderes sem sobreposições, interações e nem sequer ecos (FOUCAULT, 1976, p.147).

Foucault faz uma analogia em relação ao poder soberano em uma analítica minuciosa que engloba a sexualidade e a simbólica de sangue, e reflete nos preceitos históricos, sociais e filosóficos da essência humana, em contrapartida a regimes que aparentam ser análogos, dependendo do entendimento, no entanto, deixa uma lacuna para que os sujeitos interpretem de forma subjetiva a matéria. Avulta-se pelos dados científicos de caráter qualitativo que o Biopoder, dentro da narrativa do poder em Foucault, pode obter a representatividade a contar da comparação com o poder soberano, contudo, destarte:

A antiga potência pela qual simbolizava que a morte era o poder soberano, será presentemente recoberta pela administração dos corpos, ou seja, poder disciplinar, e pela calculista da vida. O tempo, entretanto, assim como a sociedade, passou a perceber, notar e entender as entraves históricas pertinentes a esse poder retrogrado em suas concepções e ações, pois a contemporaneidade chegou a todos os âmbitos, conceitos e preceitos (FOUCAULT, 1978, p.122).

E nessa conjuntura, pois, o fato de vivenciar, ou melhor, a vida não representará mais aquele lugar ao qual não seria acessível, e poderá ser visto que o biológico passará a ocupar o centro em relação às intercorrências de cunho político, e não mais sobre ameaças de morte, e será visto, ademais, o exercício do poder ao qual se embasa, como exemplo do poder soberano, observando o império do biopoder de erguer sobre o instrumento ao qual se encarrega adverso a morte, mas que se ocupa pelo conhecer, organizar e controlar a vida. Tencionando a reflexão de Foucault, não pode esquecer a relação que tange o poder e o saber, e referente a esse contexto, correlato a implicação bilateral entre as teorias que abarcam o poder soberano e poder moderno se faz necessária uma comparação para que se obtenham instrumentos substanciais que esclareçam as abordagens dissertativas específicas. Nesse incurso que perpassou por dois períodos dissemelhantes respeitante ao perímetro da obra foucaultina, sendo eles: o arqueológico e genealógico, o erudito autor trouxe algumas novidades irrelevantes concernentes à relação entre o poder e saber. Pois a genealogia de Michel Foucault teria, pois, refletido nessa relação, e a primeira inovação não conota a partir da ideia do saber, considerada como ideia, pensamento e/ou fenômeno da consciência associada diretamente com a economia de forma que está economia seria o fator determinante daquela (FOUCAULT, 1977). Assim, explana-se que a relação teria sido posta nos seguintes termos:

Assim que foram constituídos os domínios do saber, e que foram denominados como Ciências Humanas, a partir de práxis políticas disciplinares, ou melhor, o saber aqui considerado como materialidade, como acontecimento ou peça de um dispositivo político que, enquanto isso, articula-se com a estrutura econômica (FOUCAULT, 1977, p.191).

Outra inovação encontra-se no fato ao qual a genealogia foucaultiana não tinha pretensões de fazer algo como uma diferenciação entre a ciência e ideologia, aquiescendo, no entanto, que não há um saber neutro, pois a sapiência, considerando que possui sua gênese no perímetro aos quais atuam as relações do poder (FONSECA, 2003). Por conseguinte, nesses termos, destaca-se que:

Não há possibilidades ao refletir que a ciência a partir da premissa da superação correlata as condicionalidades peculiares da existência, pelos indivíduos, com a o propósito de atingir o lugar em o que impere, seja a neutralidade objetiva universal, tampouco se busca a caracterização ideológica como uma relação que expressa o desequilíbrio verossímil, mas sim se consente que toda cognição, seja ela científica ou ideológica, só pode existir a partir de condições políticas que são os preceitos para que sejam formados tanto os sujeitos quanto os domínios referentes ao saber (FONSECA, 2003, p.65).

Destarte, abre-se uma lacuna para reflexões acerca de toda a constituição da sapiência estará conexa ao exercício de um poder, e a cumplicidade será um adjetivo ao qual caracterizará essa relação entre o poder e saber, e na comparação entre o poder soberano e o poder moderno respectivamente, na proporção a qual as instituições estão ladeando a eclosão dos saberes. Citando casos análogos nessa concepção, tem-se as instituições ensino ladeando o nascimento da pedagogia como domínio do saber, as prisões que ladeiam o nascimento da criminologia e o hospício estando conexo ao nascimento da psiquiatria, tais cognições, por sua vez, terá uma relevância para a justificação e legitimação, não apenas sobre a existência dessas instituições como também o poder que decorria em seu funcionamento (FOUCAULT, 1979). E nessa prospecção, expõe-se que o saber é algo como titulação de competência ou aptidão outorgada para o exercício de um respectivo poder, ou seja, é a homologação científica que assevera o espaço para exercer o poder, como aclara, nesse ponto que:

Notadamente, a partir do século XIX, todo agente do poder será um agente que constituirá a sapiência, devendo assim, enviar ao que lhes delegaram um poder, um determinado saber correlato do poder ao qual exerce. Assim, se forma um saber experimental ou observacional. Porém, a relação é expressivamente intrínseca,

pois é o saber enquanto tal que se encontra dotado pelo estatuto e de institucionalização, e de estabelecido poder, e o saber só funciona num meio social dotado de poder, é enquanto é saber que se tem poder (FOUCAULT, 1983, p.159).

Nesta lógica, ilustrando tanto a ponderação consignada predecessora a qual o exercício de poder deve ser entendido a partir do conjunto que agregam ideais, tanto repressivas quanto de indução e/ou produção como a intimidade que caracteriza o liame entre poder e saber, afirma-se conforme o autor que:

Se faz necessária à distinção dos para- marxistas como marcuse, que fornecem a noção de repressão como uma importância exacerbada. Pois se o poder só obtivesse a funcionalidade repressiva, se atuasse somente mediante a censura, exclusão, impedimento do recalçamento, a forma de um hiper-êgo, se meramente fosse exercido de modo negativo, ele seria extremamente frágil. E se ele é forte, é porque produz efeitos positivos em nível do que deseja, como se inicia o conhecimento e também o saber, o poder, longe de obstar o saber, o produz (FOUCAULT, 1983, p.144).

Foucault, entretanto, se opõe as reflexões marxistas que notavelmente, na supracitada transcrição, são desveladas, e o poder em sua concepção permeia esses fatores, e a produção de ideias positivas eclode em meio à repressão e ao paradoxo estabelecido, por ideologias que se embasam em conceitos sem preceitos humanitários e de liberdade de expressão, assim o autor enceta sua aceção acerca do poder moderno em relação ao poder soberano. Ainda sobre o poder moderno consiste em um poder centrado no homem, com pressupostos de fraternidade e racionalidade, relacionando poder e saber. Consiste em estratégias racionais de se exercer poder ou governar com o objetivo de intervir nos fatores determinantes de saúde ou adoecimento da população para promover saúde (OLIVEIRA et al, 2018; TRINDADE, 2020). O poder acontece como uma relação de forças, coagindo, disciplinando e controlando os indivíduos. Desse modo, como relação de forças, o poder está em todas as partes. Todas as pessoas estão envolvidas por relações de poder e não podem ser consideradas independente delas ou alheias a elas (VELOSO, 2011). A contemporaneidade delimita-se mediante profusos acontecimentos, teóricos, políticos, econômicos e sociais, no entanto, a marca do novo possui a representatividade pela emergência dos indivíduos como elementos centrais desse período correlato ao poder moderno. Destarte, os indivíduos apresentados como sujeitos modernos alçaram um estatuto singular, pelo qual se tornou dotado de uma razão a qual se constrói o universo ao seu redor pelo intermédio do domínio da natureza e do sobrenatural, e esses sujeitos surgem como senhores imperiosos do planeta, cerne de todas as reflexões e produções realizáveis (FOUCAULT, 1979). A supracitada centralidade conduz para todo e qualquer tipo de cognição, e repousa irrefutavelmente no solo científico correlato as arte, política, economia, filosofia, psicologia, medicina e direito, e no âmbito da psicologia, evidencia-se a formula do sujeito detentores de direitos e das características psíquicas substanciais angariadas na Modernidade, explanando que:

Existe um tríplice atributo destinados aos sujeitos, sendo eles: a individualidade, autonomia e a liberdade, formatando a discernimento da subjetividade moderna como abstrata universal, e que destina-se para toda a população do mundo. Porém, a subjetividade constituída a partir dos mencionados atributos modernos não foi capaz de alcançar uma ínfima ilha de indivíduos que se situam no interior do sistema econômico do capital (FOUCAULT, 1979, p.312).

Desta forma, entende-se que as promessas equitativas e fraternais, que foram promovidas mediante a centralização e valorização da racionalidade subjetiva, e acabaram não realizando seus propósitos, pois a razão responsável pela construção e libertação do universo e do homem se tornou opressiva e discriminatória. O universo produzido por essa racionalidade que se centraliza no homem foi inepta de reconhecer que a humanidade daqueles que estavam além da razão, e

eclodiram as guerras, explorações exacerbadas da natureza, violência, opressão e a desigualdade de cunho social são somente exemplos do desencantamento desse mundo racional, ao qual alcançou indubitavelmente a noção de sujeito (SAHLINS, 2004). Nesse enfoque é de suma importância salientar a relevante criatividade de Foucault quando destacou que no advento da Modernidade, a noção sobre os sujeitos foram requeridas por uma configuração extremamente especial de poder e saber, operando assim, um revés na analítica do sujeito moderno, destituindo-os dessa hipotética centralidade sob o prisma da psicologia. Enfatiza-se que o eixo central de sua obra desvela que o sujeito não é dado “*A Priori*”, mas é criado num período da histórica estabelecido, a partir dos instrumentos sociais relativos ao controle gerenciados por uma forma peculiar de poder e saber respectivamente (SAHLINS, 2004). Ou seja, o que o Foucault, (1979) alvitra é reconhecer mediante a sua arqueogenologia quais são as formas de poder e saber articuladas no solo da modernidade e que acabam produzindo a noção do sujeito para que assim possam atender os interesses econômicos criados nesse respectivo período, promovendo a ruptura definitiva com a noção de sujeito enunciada por Kant (1998) e consagrada pelos pensadores contemporâneos. E esse rompimento torna-se óbvio em sua crítica destinada ao sujeito Kantiano como senhor e cerne da razão pela qual o universo é definido, e a partir dessa delineação referente ao sujeito moderno como um duplo empírico transcendental, pois elucida-se que:

O sujeito produzido na modernidade é duplo, pois é dotadas de uma racionalidade que torna o universo transparente as cognições, ou melhor, um sujeito que transcende devido ao fato de ser dotado de uma consciência, e por isso é capacitado para criar o mundo, porém existe algo que no sujeito além dos atributos transcendentais (FOUCAULT, 1979, p.329).

Cabe frisar que o sujeito moderno possui características opacas, empíricas e detentoras de materialidade irrefutável, sendo assim, essa duplicidade do sujeito desvela a existência do jogo de poderes contemporâneos, velados, de tal forma, que se torna complexo o reconhecimento de algo além do enunciado do sujeito transcendental. Nesse contexto, destaca-se que o mérito de Foucault está no reconhecimento da dualidade pertinente a noção dos sujeitos e, ao esclarecer como os mecanismos de poder e opressão conduziram à contestação dessa materialidade do indivíduo e a valorização do elemento transcendente. A trajetória desenvolvida por Foucault busca, desta forma, compreender como os mecanismos que tangem o poder e saber, que se encontram no solo da modernidade, e que produzem as subjetividades, realizando uma pesquisa minuciosa e erudita correlata a formação das Ciências Humanas como elemento articulador do sujeito humano, pelo intermédio da arqueologia dos saberes (SILVEIRA, 2001). Sua teoria, nesse interim, dedica-se à certificação pela qual o homem nasceu de um acontecimento discursivo e peculiar de certa episteme e, devido a isso, pode estar às palavras e as coisas, ponto de morrer, uma vez modificada a episteme responsável pela sua eclosão (FOUCAULT, 1996). Desse modo, relações de poder na saúde podem ser evidenciadas tanto entre profissionais, quanto em relação aos setores de atenção à saúde e pacientes (OLIVEIRA et al, 2018; SILVA et al, 2020). Porém a saúde exerce força sobre os corpos, acreditando que sem a saúde se torna impossível assegurar a proteção digna aos seres humanos, para o seu desenvolvimento social, cultural e intelectual. Quando refletimos a ética da vida é dever do poder que a saúde exerce, contribuir para as desacreditações dos menos assistidos, pela saúde, seja por negligência de médicos e suas elitizações, omissão de socorro aludida, pelo descaso nas convergências na atuação do multiprofissionalismo na saúde.

No contexto epidemiológico presenciamos o papel principal do multiprofissionalismo na saúde, que não foi caracterizado somente pelo poder médico, mas pelos outros profissionais atuantes nesse cenário. Destarte, cada um dos profissionais existentes se posicionaram, arguindo ferramentas e técnicas do funcionamento de suas teorias e tecnologias, para conter a transgressão epidemiológica, que pode ser considerada como uma outra forma de poder maléfico, exercendo sobre os corpos e sobre o mundo sanitário. Ao investigar

com precisão a alerta sobre esse cenário, a atuação do multiprofissionalismo, partindo da coletivização, foi de atenção, conscientização, prevenção, dando possibilidade sobre a quarentena de início. Nesse seguimento aclara-se que, administrações na saúde global, por parte de organizações mundiais, foram às formas mais exigentes de conter a pandemia. A patologia que na verdade é o vírus e que exerce, outra forma de poder sobre os corpos, que a posteriori, será refutada, pelo outro poder que é a vacina a luz da ciência. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo compreender a influência dos poderes soberano e moderno no contexto da saúde e como os poderes se desenvolveram no decorrer da história.

## MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que tem como pergunta norteadora “Como o poder soberano e o poder moderno podem ser percebidos no contexto da saúde?”. As publicações selecionadas foram coletadas na base da Biblioteca Virtual em Saúde, em fevereiro de 2021, combinando o operador booleano “AND” com os seguintes descritores: “poder”, “saúde”, “ambiente de trabalho” e “liderança”. Foram incluídos artigos dos últimos cinco anos (de 2016 a 2021), em português e espanhol. Após a primeira etapa de busca, foram excluídos os artigos que não correspondiam ao objetivo da busca na leitura de títulos e resumos. Identificaram-se 82 publicações na busca e, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, quatro artigos foram selecionados, lidos na íntegra e submetidos à análise crítica para construção deste estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O poder soberano encontrado na saúde pode ser percebida, por exemplo, na interação entre profissionais de enfermagem e medicina. Destarte, os médicos exercem soberania no momento em que ditam as ações que devem ser realizadas e os enfermeiros e outros profissionais, como psicólogos e etc. muitas vezes, passivamente, cumprem sem questionar a conduta tomada. Devido a essa relação com comunicação quase inexistente, o multiprofissionalismo, também exerce a função de inspecionar o trabalho do médico para a prevenção de falhas, demonstrando a falta de confiança, colaboração e trabalho em equipe desses profissionais. Esse tipo de cenário evidencia a influência negativa do poder soberano no contexto da saúde (OOSTERHUIS, 2018; SILVA et al, 2020). De acordo com Ventura (2020, p. 4), elementos como poder médico, processo de trabalho do serviço público, sobrecarga de trabalho e quantitativo de pessoal insuficiente exercem influência no trabalho da enfermagem e das dimensões dos outros multiprofissionais. Sendo assim, evidencia-se a complexidade das relações dentro dos ambientes promotores de saúde e como o poder soberano influencia positivamente ou negativamente na qualidade dos serviços de saúde. Ventura (2020, p. 6), expõe ainda que a falta de reconhecimento deve ser considerada como um fator que pode interferir no trabalho e na produtividade, pois o comprometimento dos profissionais está associado ao ambiente de trabalho. Muitas vezes essa falta de reconhecimento está atrelada às relações de poder, uma vez que o protagonista, ao articular o poder soberano, utiliza de técnicas submissivas para impor respeito aos “dominados”.

A grande maioria das situações que o alto gestor na área da saúde é chamado a resolver têm relação direta com distintas formas de trabalho, autoridade e legitimidade, compreendidas como divergentes, sendo em grande parte entendidas como incompatíveis e inconciliáveis. Dedicar-se à gestão e resolução desse tipo de eventos, caracterizados com elementos relacionais e ligados à execução da operação, além de retirar o foco principal do gestor da otimização dos resultados esperados, ocupa um percentual significativo do seu tempo com desgastes emocionais e relacionais, bem como tendencialmente distrai os gestores do foco de desenvolvimento organizacional e otimização dos resultados.(NASCIMENTO, 2020, p. 6)

A compreensão deste poder repressivo também permeia os estudos da sexualidade. Para compreender a sexualidade, precisa-se analisar concepções sociais, culturais historicamente de caráter repressivo, devido a normalização de padrões para o que é considerado correto ou esperado. As instituições, tais como igreja, escola e consultório médico, exercem essa relação de poder junto ao indivíduo, especialmente ao grupo infanto-juvenil, perpassando temas como gravidez precoce e infecções sexualmente transmissíveis que estabelece uma relação entre “juventude” e “risco” de maneira implícita (ABREU et al., 2019). Outra relação de poder soberano pode ser identificada na segregação de pacientes de saúde mental e usuários de drogas, haja vista que o cuidado desses pacientes consiste em um modelo terapêutico baseado em poder, disciplina, e punição. Uma vez que o quadro clínico desses pacientes configura risco iminente de agressividade, mediante à abstinência e à “loucura”. A separação do contexto social em que vivem é uma intervenção autoritária que tem como objetivo promover segurança à sociedade, sem considerar as vontades e desejos dos portadores de transtorno mental e dependentes químicos, em divergência ao advento da modernidade que aborda a importância do bem-estar do indivíduo (FOSSI; GUARESCHI, 2019; OOSTERHUIS, 2018).O poder soberano é retratado em diferentes linguagens, tais como a moda e a arte, revelando como ele permeia o imaginário popular por meio de símbolos, significados e representações. Em uma campanha publicitária, o fotógrafo Steven Klein representou personagens de enfermeira e pessoa com sofrimento psíquico por meio de modelos, em que a enfermeira era retratada como “sensual, insensível, com poder de controlar e torturar”, e a pessoa em sofrimento psíquico, como “suja, prisioneira e sujeitada à relação assimétrica de poder com a enfermeira”. Nesse sentido, percebe-se que o estereótipo utilizado na representação da enfermeira se contrapõe ao ideário da profissão, que tem como propósito zelar e cuidar dos indivíduos sem causar traumas físicos ou psíquicos (CARVALHO et al., 2016). O poder Moderno se mostra nas relações de liderança e trabalho em equipe, e pode ser identificada na ação da Estratégia Saúde da Família (ESF). A visita domiciliar consiste em uma vigília do indivíduo e do meio em que vive com o intuito de conhecê-los, antes de determinar as intervenções que serão feitas, para melhora ou manutenção do quadro clínico do paciente atendido. Utiliza-se a vigilância dos espaços e dos sujeitos para promover a saúde da coletividade, enfatizando o cumprimento do dever do Estado de assegurar a saúde da população (OLIVEIRA et al, 2018).

Consideramos indispensável conhecer e incorporar na gestão da saúde (médica, clínica e hospitalar) processos de diálogo e negociação consensual, voluntários e confidenciais, como a mediação de conflitos, facilitados por um terceiro imparcial ao tema em divergência, sem interesse no resultado nem poder de julgamento ou decisão, cuja atuação potencializará a humanização do direito médico.(NASCIMENTO, 2020, p. 6)

Quando encontramos lideranças do corpo de especialistas que têm poder de decisão com dimensão administrativa no uso de recursos, em especial, médicos e enfermeiros, a sua orientação se faz pela sua formação profissional técnica e não pelo modelo de gestão empresarial

### Considerações Finais

Por meio dessa revisão foi possível perceber que há relações de poder em todos os setores da saúde, desde a legislação à interação de profissionais e pacientes. As obras de Foucault desempenham papel importante para a identificação dos tipos de poder encontrados e como influenciam, de forma positiva ou negativa, no exercício profissional e na saúde dos indivíduos, de forma direta. Diante do exposto, puderam-se colocar em evidência algumas situações em que foram possíveis perceber as mais variadas formas de manifestação do poder, fosse ele soberano ou moderno. Nesse sentido, a relação benéfica do poder materializada nos serviços de atenção primária se contrapõe à definição rígida e dominadora do poder soberano. Observa-se que o poder moderno seria ideal nas relações entre profissionais e pacientes, pois exprime ordem, mas não demonstra

autoritarismo, e sim liderança mostrando caminhos que corroboram para a eficácia no trabalho em equipe. Entretanto, não se pode ignorar a situação atual e como as relações de poder funcionam através do tempo, com isso pode-se afirmar que o poder soberano é presente na realidade hospitalar e em outros ambientes de promoção à saúde, principalmente na relação médico-enfermeiro e na relação profissional-cliente. Com efeito, ambas as faces do poder encerram em si caracteres multifacetados de modo que, a partir da compreensão da realidade vigente desses poderes, torna-se possível inferir suas influências no contexto da saúde.

## REFERÊNCIAS

- Fonseca, Márcio Alves da. (2003). Michel Foucault e a constituição do sujeito. São Paulo: EDUC.
- Foucault, M.(1996). A ordem do discurso. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_. (1979). O nascimento do hospital. In *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal.
- \_\_\_\_\_. (1983). *El discurso del poder*. Presentación y selección Oscar Terán. Argentina: Foliosediciones.
- \_\_\_\_\_.(1976). História da sexualidade: A vontade de saber (Vol. 1). São Paulo: Edições Graal.
- \_\_\_\_\_. (1978). Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France . São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1977).Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_.(1979). Microfísica do poder . Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Ventura, Palloma Fernandes Estanislau Vaz.(2020).Cultura organizacional no trabalho da enfermagem: influências na adesão às práticas de qualidade e segurança.[Versão digital] *REME: revista mineira de enfermagem*, 1(9). Obtido em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1135982>.
- Nonato, Lázaro França (2018). *Relações de poder nas práticas cotidianas de profissionais de uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal*. (Tese de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Nascimento, Dulce Maria Martins do (2020). Mediação de conflitos na gestão da saúde (médica, clínica e hospitalar): humanização do direito médico. [Versão digital] *Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário* 9(26). Obtido em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1087848>.
- Moreda, Kimberly Ferreira (2019). Processo de tomada de decisão no trabalho em uma maternidade: vivências de enfermeiros. [Versão digital] *Revista Enfermagem Atual In Derme* 12(6). Obtido em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1025334>.
- Abreu, Leidy Dayane Paiva de et al.(2019). Cuidado de enfermagem na relação saber/poder e sexualidade junto a juventude escolar via webrádio. *Rev. enferm. UFSM* ; 9: [21], jul. 15.
- Carvalho, Evanilda Souza de Santana et al.(2016). Representações da enfermeira e pessoa em sofrimento psíquico na mostra fotográfica USAnatomy de Steven Klein. *Rev. Gaúcha Enferm.* , Porto Alegre, v. 37, n. 2, e 54511.
- Fossi, Luciana Barcellos; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima.(2004). Aspectos punitivos do tratamento nas comunidades terapêuticas: o uso de drogas como dano social. *Rev. Psicol. Saúde* , Campo Grande , v. 11, n. 1, p. 73-88, abr. 2019. FOUCAULT, M. Vigiar e Punir . Petrópolis: Vozes.
- Gil, Antônio Carlos. (1999). Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- Oliveira, StefanieGriebeler et al.(2018). Visita domiciliar no Sistema Único de Saúde: estratégia da biopolítica. *Revista Uruguaya da Enfermería* . Montevideo, v. 13, n. 1, p. 9-21. Jun.
- OOSTERHUIS, Harry.(2018).Locura, salud mental y ciudadanía: del individualismo posesivo al neoliberalismo. *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.* , Madrid , v. 38, n. 134, p. 515-545, dic.
- Sahlins, M. (2004). Esperando Foucault, ainda, tradução de Marcela C. de Souza e Eduardo Viveiros de Castro, São Paulo: Cosac Naify.
- Silveira, F. A. (2001). Michel Foucault e a constituição do corpo e da alma do sujeito moderno. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- SILVA, TauanaWazir Mattar et al.(2020). Configuração das relações de poder nas práticas profissionais de médicos e enfermeiros. *Revista Brasileira de Enfermagem* , Brasília , v. 73, supl. 1, mai.
- TRINDADE, Marcos Aurélio.(2020) Do Poder Soberano ao Poder Moderno: reflexões da microfísica do poder em Michel Foucault sob a análise da psicologia institucional . 2020. 52 f.: il.; 30 cm. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

\*\*\*\*\*